ANÁLISE DE FILME

Pro Dia Nascer Feliz⁴¹Taysa Silva Santos⁴²

Pro Dia Nascer Feliz (2006) é um filme de João Jardim que trata da vida social de grupos de adolescentes e professores em seis escolas no Brasil, sobretudo em Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse trajeto, o autor busca delinear os conflitos de classes versados nas subjetividades de adolescentes de escolas particulares e escolas públicas. O filme se caracteriza pelo gênero documentário, interpolado por diversos ambientes e situações no dia-a-dia de professores e alunos (as).

Analisando o filme em tela, percebe-se como são gritantes as desigualdades sociais na sociedade brasileira e, como tais desigualdades, principalmente a econômica, interfere em todas as esferas da vida social tendo em vista que o não acesso aos diversos níveis de conhecimento acaba por colocar à margem os estudantes das redes públicas de ensino, os estratos pobres. Em contraponto a esse cenário, temos os estudantes da rede privada de ensino, os quais apesar de terem capital cultural e capital econômico sofrem constantes pressões psicológicas por parte dos familiares para manter-se no modelo/padrão de “bom aluno”, o que acaba na conformação de um conflito de identidade, culpabilização do “eu” e sentimento de inferioridade.

Nesse sentido, é importante ressaltar a fala da aluna do Colégio Santa Cruz (rede particular), no estado de São Paulo, por nome Ciça (16 anos) quando se reporta a análise de uma expressão da questão social conhecida como meninos em situação de rua, argumentando que “tenta” ver tal situação além do sentimento de desprezo, mas ao final de sua fala sabrecai no conformismo. De tal modo, suas colegas Maísa e Mariana (ambas 16 anos) contra argumentam evidenciando que Ciça, ainda que tenha um sentimento longânime está inserida na “bolha”⁴³, segregada pela classe social, altamente privilegiada. Ciça argumenta expondo que é complicado “sair” de sua “zona” de conforto (deixar, natação, clubes, etc.) e que não tem culpa por fazer parte de uma classe privilegiada. Daí, compreendemos a “cultura de classe” iniciada através do processo de socialização familiar, o qual naturaliza através da incorporação de sentimentos, emoções e costumes os papéis/posição sociais a serem exercidos/ocupados (SOUZA, 2009). É esse o

⁴¹ Esta análise é resultado de discussões feitas na disciplina de Teoria Social III, ministrada pelo Prof. Gabrielle Grossi, do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

⁴² Graduanda em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Gênero, Raça e Etnia da mesma universidade.

⁴³ As meninas se referem a “bolha” enquanto barreira social intransponível e/ ou transponível, a depender que se queira.

“processo civilizador⁴⁴” que adentra e refina os corpos estabelecendo seu lugar na divisão de classes (ELIAS, 1994).

Assim, a discussão anterior permite nos reportamos ao discurso “meritocrático” disseminado pelas classes médio-altas, que acabam por treinar os sujeitos para uma lógica competitiva e legitimadora das desigualdades, visto que incentiva a autopromoção de si e o desempenho individual como justificador das desigualdades sociais (SOUZA, 2009). Aqui se encontra a violência simbólica⁴⁵, visto que os “fora” dos padrões normativamente estabelecidos serão estigmatizados pela sociedade.

Igualmente, uma análise importante é o caso da cidade de Manari, no estado de Pernambuco, sendo classificada como uma das cidades mais pobres do Brasil, contudo nos concentraremos na cidade de Inajá, onde estuda a protagonista da vez. Nesse cenário, vamos observar a aluna da Escola Estadual Dias Lima por nome Valéria (16 anos). Valéria é uma pequena-grande poetisa, invisibilizada por não possuir capital econômico. É portadora de um “eu” poético fabuloso e através das palavras exprime sua indignação enquanto sua condição de ser no mundo. Contudo, as condições materiais podam seus sonhos e à Valéria resta, como dizia o grande João Cabral de Mello Netto, a “Morte e Vida Severina”.

Outra questão suscitada pelo filme é as relações de poder e a representação do poder para o imaginário dos alunos, nesse ponto vamos nos ater no aluno do Colégio Estadual Guadalajara, no estado do Rio de Janeiro, por nome Deivison Douglas (16 anos). Douglas é caracterizado pelo gênio forte, considerado subversivo pelos professores. Advindo de família pobre, vive numa realidade demarcada por conflitos violentos na comunidade de Duque de Caxias. Em sua fala é perceptível a incorporação simbólica da importância de aparatos militares como armas, para legitimação de si enquanto autoridade nos ambientes que se encontra. Sem contar, que tais instrumentos de poder lhe dá acesso a outros “privilégios” como, por exemplo, o interesse das meninas. Nesse cenário, as armas, drogas, dentre outros, aparecem como instrumento de sedução e poder, fazendo com que Douglas absorva comportamentos próximos a sua realidade, sendo categorizado (infelizmente) como violento, contudo seu comportamento é reativo a realidade em que vive. Diante de tal fato, demonstramos o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (2007) enquanto assimilação de práticas e ideologias construídas socialmente para incorporação de normativas a fim de moldar determinado grupo/sujeito, produzindo assim “estruturas estruturantes”.

⁴⁴ Termo usado por Norbert Elias para designar o refinamento dos costumes nas diversas sociedades.

⁴⁵ O termo é de Pierre Bourdieu, significando a violência que não se percebe.

No que se refere à correlação comunidade- escolas há uma total dissociação dos assuntos tratados em sala em relação ao que ocorre na realidade dos personagens supracitados, esse problema consiste nas escolas de ambos os estratos sociais: ricos e pobres assim como o sentimento de aflição também se apresentaram como comum às duas realidades. No que diz respeito aos educadores, ratifica-se que os mesmos são formados para sujeitos sociais que não existem, ou melhor, são formados para dar aula a estudantes socializados em famílias de padrão burguês (pai e mãe com alto nível de letramento, bons salários, etc.), ficando esquecidos os que não se enquadram nesse nivelamento. Destarte, Bourdieu (2007, p. 229) afirma:

O sujeito que tem acesso à compreensão imediata e concreta do mundo familiar, do ambiente de origem no qual e pelo qual foi educado, acaba sendo privado, por este motivo, da possibilidade de apropriar-se plena e imediata do mundo estrangeiro.

Deste modo, fica posto que os sujeitos sociais possuem dificuldades de compreensão quando se refere a questões distantes de sua realidade cultural, conseqüentemente um aluno de classe social pobre terá empecilhos em entender o ensinamento posto por uma instituição pensada nos moldes burgueses, como a escola.

Ao final do filme, *Ciça*, do Colégio Santa Cruz passa no vestibular de Engenharia na USP. O “rebelde” Douglas, de Duque de Caxias vai para o exercito e, a Valéria, de Pernambuco permanece no sertão. A pergunta que não se cala é: que sujeitos podem ser protagonistas numa sociabilidade dessas? Uns (in)visibilizados por pertencerem a “ralé” brasileira, enquanto outros são visibilizados pelo “talento inato” [?] “de ter nascido na família certa, ou melhor, na classe social certa (SOUZA, p. 22)”.

Nessa resenha, buscamos ressaltar alguns aspectos do filme, visto que o mesmo é multifacetado por diversos fenômenos, dos quais não daria para aqui elencar. Procuramos evidenciar a perspectiva de classe, poder e performance nas realidades observadas. O filme é recomendável para todos que são amantes da arte de analisar as dinâmicas sociais, sobretudo, as alteridades.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.